

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ESCOLA
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

PEDRO SANTIAGO MONTELO GODINHO

**CAMPANHAS DO PSL DE 2014 E 2018:
A COMPARAÇÃO QUE EXPLICA UM FENÔMENO**

GOIÂNIA – GO

2021

PEDRO SANTIAGO MONTELO GODINHO

**CAMPANHAS DO PSL DE 2014 E 2018:
A COMPARAÇÃO QUE EXPLICA UM FENÔMENO**

Monografia apresentada à
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(PUC GO), como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel, Comunicação
Social com Habilitação em Publicidade e
Propaganda. Orientador: Prof. Luiz Serenini
Prado.

GOIÂNIA – GO

2021

PEDRO SANTIAGO MONTELO GODINHO

**CAMPANHAS DO PSL DE 2014 E 2018:
A COMPARAÇÃO QUE EXPLICA UM FENÔMENO**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda e aprovação pela seguinte banca examinadora:

GOIÂNIA – GO

2021

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso discorre sobre em qual contexto as eleições presidenciais do ano de 2018 se desenvolveu e como culminou na vitória do Jair Messias Bolsonaro e inúmeros deputados, afiliados ao PSL (Partido Social Liberal). Partido então de pouca popularidade e representatividade na câmara. Em uma nação, que assim como ocorre em outras, apesar da existência e surgimento de muitos partidos, a presidência geralmente é vencida pelos candidatos dos grandes e populares partidos. O insólito fenômeno fomentou a pesquisa a ser desenvolvida, abrangendo um partido pouco participativo nos acontecimentos do país, um Brasil pós-impeachment, um político polêmico e muitos brasileiros engajados politicamente através de suas redes sociais. Elementos esses, que foram aproveitados para as novas estratégias de comunicação política e discutidas neste trabalho.

Palavras-chave: Eleições; Estratégias Políticas; Partido Político; Redes Sociais; Internet.

RESUMO

This course conclusion work discusses the context in which the 2018 presidential elections took place and how it culminated in the victory of Jair Messias Bolsonaro and numerous deputies, affiliated with the PSL (Liberal Social Party). Party then of little popularity and representation on camera. In one nation, as in others, despite the existence and emergence of many parties, the presidency is usually won by the candidates of the great and popular parties. The unusual phenomenon encouraged the research to be developed, covering a party that did not participate in the country's events, a post-impeachment Brazil, a controversial politician and many Brazilians politically engaged through their social networks. These elements were used for new political communication strategies and discussed in this work.

Keywords: Elections; Political Strategies; Political party; Social networks; Internet.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 TEMA	7
1.2 PROBLEMA.....	8
1.3 OBJETIVOS.....	8
1.4 JUSTIFICATIVA.....	9
1.5 HIPÓTESE.....	12
1.6 METODOLOGIA.....	13
2. O PARTIDO DO PSL DE 2014 E 2018	14
2.1 BREVE HISTÓRIA DO PSL	14
2.2 VÍNCULO DO PARTIDO PSL COM O MOVIMENTO LIVRES.....	16
2.3 A ELEIÇÃO DE 2014: UMA TRAGÉDIA À ESPREITA.....	16
2.4 A ELEIÇÃO DE 2018: OUTRA TRAGÉDIA; MESMOS EFEITOS?.....	14
2.5 PSL: UM PARTIDO ACIDENTAL?	20
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

No ano de 2018 ocorreu a eleição presidencial considerada a mais concorrida desde a de 1989, contando com 13 candidatos postulantes. Assim como em 1989, no qual a população clamava por mudanças (advinda da alta inflação), em 2018 o Brasil vivia um momento delicado em meio a uma crise política e econômica, que mobilizou o povo brasileiro. Ficou marcada por uma grande polarização de ideias e também por dividir bastante o país com opiniões diversas.

Candidatos de partidos de esquerda e partidos de direita, cada qual com suas características particulares, por vezes caricatas, por vezes histriônicas, apresentavam suas propostas, ataques e estimulavam não sem muitos escrúpulos uma clara incitação ao discurso de ódio. Isto se dava tanto no ambiente televisivo e em toda mídia convencional, mas também na internet, que se tornou assim um ambiente decisivo para o resultado final da eleição, de forma absolutamente surpreendente.

A eleição presidencial de 2018 teve como vencedor Jair Messias Bolsonaro, na época filiado ao PSL (Partido Social Liberal), um partido até então minúsculo, que tinha como ideologia o liberalismo e não o conservadorismo e o nacionalismo que seu candidato apregoava como ideologia. É fato, sem dúvida, que o vencedor usou bastante as plataformas digitais para sua campanha, que não compareceu à maioria dos debates, e disseminou mais fortemente o discurso de ódio, empunhando bandeiras bastante polêmicas. E por fim, aproveitando – se de um momento delicado para a história do país e frustrações de milhões de brasileiros, se apresentando como a solução dos problemas de um Brasil pós-impeachment.

Com o fenômeno da eleição do candidato a presidente, o partido PSL cresceu enormemente, passando de um partido dito nanico para ser o segundo maior partido da Câmara dos Deputados. Todo este resultado, é bom que se diga, ocorreu em razão de muito esforço e oportunismo, juntamente com as estratégias de marketing que foram “inovadoras” para as campanhas. Ainda que tenham focado mais nas plataformas digitais, já que tinham pouco espaço nas mídias tradicionais.

Ocorreu também uma triste fatalidade: um ataque físico e violento ao candidato à presidência da república. Jair Bolsonaro foi alvo de uma facada, por

pouco mortal, enquanto participava de um evento público na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Certamente, o ato tresloucado ajudou a provocar um engajamento incalculável a favor do candidato, o que naturalmente colocou em visibilidade também o partido PSL.

Com todos estes fatores, deu-se o inusitado: o cargo mais almejado da política nacional foi conquistado por um personagem improvável, e muitos outros postulantes a cargos de governador, senadores e deputados federais vieram a reboque destes acontecimentos por vezes surreais.

Este trabalho busca investigar a trajetória, seus incidentes e quais foram os fatores principais e as estratégias adotadas a cada momento pelo candidato e pelo próprio partido para chegar a tal resultado nas eleições presidenciais de 2018.

1.2 PROBLEMA

Para realizar esta pesquisa, é necessário definir o problema para que seja explorado de maneira a solucioná-lo de forma ordenada e sem equívocos. Sendo assim, esta, com o evidente objetivo de compreender e clarear a visão de maneira ampla sobre como o partido PSL cresceu tanto entre duas eleições, é necessário apresentar a linha de raciocínio que será seguida para ajudar a explorar o tema escolhido. É desta forma que a questão problema será determinante para os rumos que a investigação irá tomar.

Desta forma, pode-se definir a questão-problema deste trabalho como sendo a seguinte: **que comparação pode-se fazer entre as campanhas do PSL em 2014 e 2018?**

1.3 OBJETIVOS

Toda pesquisa ocorre com objetivos e todo pesquisador deve ter um motivo pelo qual o leva a pesquisar. Por conseguinte, essa pesquisa possui similarmente finalidade e propósito.

1.3.1 Geral

Compreender e clarear a visão de maneira ampliada sobre a evolução do partido PSL através de um quadro comparativo das eleições de 2014 e 2018.

1.3.2 Específicos

- Apresentar uma breve história do partido PSL.
- Abordar sobre seu vínculo com o movimento Livres.
- Entender a trajetória do partido antes de 2014.
- Identificar as estratégias publicitárias usadas para as eleições de 2018.
- Apresentar o contexto político e econômico do Brasil em 2018.

1.4 JUSTIFICATIVA

A justificativa apresenta a importância e a relevância da pesquisa para o meio profissional e social, servindo assim para contribuir com aceitação da pesquisa pelas pessoas que irão financiá-la. No caso desta, a justificativa tem como objetivo salientar a razão pela escolha do tema proposto para a realização do trabalho de conclusão de curso.

A partir disso, a reflexão a ser feita sobre o desempenho do partido PSL nas eleições de 2014 e 2018 é de suma importância, já que foram eleições que ocorreram no Brasil, país o qual habitamos, e que hoje é governado por um polêmico presidente que ganhou democraticamente. As conclusões desta pesquisa, pode nos ajudar a entender quais são os anseios e requisitos que leva a decisão do brasileiro sobre em quem votar para comandar seu país, buscando dar mais visibilidade a discursão. Um grande ponto também é identificar como um partido pode se posicionar para ter um crescimento estrondoso, similar ao que ocorreu ao PSL em 2018.

O Brasil é um país que apresenta grandes obstáculos para o crescimento de partidos, já que existem grandes partidos que contam com grandes fundos partidários e fundos eleitorais de acordo o seu tamanho. Quanto maior, mais verba é destinada a campanha e a manutenção dos partidos, eles recebem. Isso faz com que partidos pequenos continuem sendo pequenos e partidos grandes continuam

sendo grandes, mantendo sempre o poder nas mãos dos mesmos políticos e partidos.

O fato de o partido PSL ter saído do número de 1 deputado federal eleito em 2014 e ter alcançado 52 deputados federais e 4 senadores no ano de 2018, e ainda ter ganho o cargo de presidente da república, demonstra que um fenômeno ocorreu. Mesmo considerando a coligação feita com o PRTB, outro partido pequeno que também elegeu somente 1 deputado federal em 2014 - coligação essa, composta por dois partidos que até então, podiam ser considerados inexpressivos, e que alcançaram um surpreendente feito.

Após a vitória do atual presidente, a BBC News Brasil fez um breve resumo sobre a trajetória de Bolsonaro. Em abril de 2015, Jair Messias Bolsonaro desfilou-se do PP (Partido Progressista), visto que já almejava se lançar como candidato a presidente da República em 2018, e justificou sua saída alegando que o PP não o cogitava como candidato para representar o partido. O deputado chegou a negociar sua entrada no PSC (Partido Social Cristão), mas lá ele também não ocuparia o cargo a candidato da presidência. Até então, Bolsonaro nunca havia assumido cargos no governo federal ou posição de destaque na Câmara, julgado assim como um político "baixo clero". Faltou currículo. Em 2017, Jair Messias já era apontado em segundo lugar nas pesquisas de intenções de votos, ficando atrás somente de Luís Inácio Lula da Silva, que ainda não havia sido condenado e preso, sendo assim, ainda era tido como candidato do PT (Partido dos Trabalhadores). Em março de 2018 então, Bolsonaro chegou ao PSL como candidato oficial do partido, já em meio a orações, Hino Nacional e aos gritos de "mito".

"O PSL era um partido na mão de uma pessoa, o Luciano Bivar. Não tinha um perfil de organização forte, militância, diretórios estaduais, uma agenda programática", como observa Flávia Roberta Babireski, doutoranda em ciência política e pesquisadora do Laboratório de Partidos Políticos e Sistemas Partidários. Ainda assim, foi o partido escolhido pelo atual presidente. Mesmo depois da entrada de Bolsonaro no PSL ser negada em nota pelo movimento Livres, movimento incubado pelo partido, que alegou incompatibilidade com os ideais do candidato em relação tanto ao movimento, como as mudanças que o partido estava comprometido. Bolsonaro venceu pelo partido, mas as divergências entre ele e o Movimento Livres

continuaram, como afirma Mano Ferreira à BBC News: "Vemos uma discordância com Bolsonaro não só na questão dos costumes, mas também na economia. Seu histórico de votações mostra-o como o oposto do liberalismo, como a oposição ao Plano Real. Sobre os direitos humanitários, eles guiam o liberalismo no mundo inteiro, e também em relação a isso ele tem ideias antiliberais".

A rápida explicação sobre a trajetória do ex-deputado é para atentar o fato que, rejeitado por outros partidos, o PSL não só acolheu o presidente, como se enquadrou aos termos Bolsonaro de fazer eleição. Analisar a rápida mudança e adaptação do partido ao presidente, pode nos apontar como os pequenos partidos podem tirar proveito das oportunidades para crescer em meio a um cenário político já consagrado pelos grandes. "Não vou negar que foi considerada a própria sobrevivência do partido, já que poderíamos não passar a cláusula de barreira. Foi algo pragmático", disse uma fonte anônima do PSL à BBC News Brasil. E completou: "Esperávamos eleger um presidente e 20 a 25 deputados. Foi surpreendente, tudo muito novo e rápido. Mudamos a lógica eleitoral, sem estrutura (como tempo de TV e fundos eleitorais), e varremos as urnas. O descrédito na política trouxe esse efeito para a gente".

Muitos cidadãos que votaram no senhor Jair Messias Bolsonaro em 2018, não votaram no candidato Bolsonaro, mas se negaram a deixar o Partido dos Trabalhadores ganhar. Assim como poder ser observado no livro "A eleição disruptiva: Por que Bolsonaro venceu", um dos meios utilizados para disseminar o antipetismo entre a população foi a ferramenta do Whatsapp. Entender como o aplicativo foi de suma importância para a vitória do presidente, é entender como temos uma grande arma de influência hoje, que é o rápido acesso a informações, e quais são os perigos dessa arma, quando utilizada indevidamente.

Voltando a importância da pesquisa, fica muito claro após estas considerações, que ocorreram mudanças nos métodos e nas estratégias de marketing partidário. E também é saudosos falar sobre o pesquisador que se interessa muito sobre o assunto desde muito cedo. O PSL "desbancou" partidos que tinham mais dinheiro do fundo eleitoral e tinham como vantagem sua popularidade e tradicionalismo, como o MDB, o Progressistas, PSDB, PL, PSD e outros, chegando

muito próximo ao PT, partido com o maior número de deputados federais eleitos. Isso é um fenômeno que merece ser pesquisado.

1.5 HIPÓTESE

A hipótese apresenta possíveis respostas para o problema proposto na pesquisa com base nos conhecimentos prévios do pesquisador, onde serão validadas a partir da pesquisa realizada.

Levando isto em consideração, é possível de início falar sobre o candidato a presidência da república do partido, Jair Messias Bolsonaro, que iniciou sua pré-campanha já no ano de 2015, quando já afirmava que gostaria de concorrer ao cargo e assim começou a trabalhar sua comunicação, principalmente no ambiente virtual. No momento em que o candidato chegou ao partido, no ano de 2018, já tinha um público bem grande e bastante fiel ao seu discurso.

Diante disto, é provável que o apoio que Jair Bolsonaro já havia conquistando antes de chegar ao PSL, incentivou bastante nos resultados obtidos nas eleições. O ano de 2018 foi o primeiro que o PSL abraçava uma “causa” verdadeiramente, e que possuía entre seus membros uma figura emblemática que mobilizava e engajava a população. Podemos considerar, portanto, que em 2018 o PSL com seus então 24 anos, estreava pela primeira vez com uma narrativa, “novos” valores e um rosto.

Com estes fatos apresentados, é possível colocar como hipótese que a chegada de Jair Bolsonaro ao PSL pode ter levado o partido a essa grande escalada, ou também as estratégias mais focadas na internet podem ter sido determinantes para o desempenho do partido, ou o horário de televisão perdeu relevância, já que o candidato Geraldo Alckmin que tinha mais tempo de televisão ficou em quarto lugar no resultado final da eleição. São muitas hipóteses que podem ser apresentadas, mas com a pesquisa veremos quais são concretas ou não.

1.6 METODOLOGIA

A metodologia determina o modo no qual se dará o andamento da pesquisa, conferindo credibilidade e veracidade a composição apurada. No caso desta, a metodologia servirá de apoio ao processo de desenvolvimento do trabalho acadêmico.

A pesquisa será fundada em uma metodologia para o seu andamento. A metodologia empregada será a de um estudo de caso comparativo, em que serão analisadas todas as marchas e contramarchas que estiveram relacionadas aos dois momentos, e que servirão de base para a conclusão do trabalho. O objeto de análise será naturalmente o PSL – Partido Social Liberal, e sua ascensão meteórica de uma presença modesta em 2014 até se tornar o grande vencedor das eleições seguintes. E não apenas uma eleição qualquer, mas a eleição de um presidente da república. Quais foram os fatores que engendraram esse fenômeno? Que estratégias foram determinantes? Ainda uma pergunta: o fato de as duas campanhas terem sido pontuadas cada uma por um evento trágico terá influenciado em seus resultados finais?

2. O PARTIDO PSL DE 2014 E 2018

2.1 BREVE HISTÓRIA DO PSL

O Partido Social Liberal foi fundado no dia 30 de outubro de 1994, mas só obteve seu registro no dia 2 de junho de 1998. O programa original do PSL defendia uma menor participação do Estado na economia e direcionamento total dos recursos arrecadados pelo Estado para a saúde, educação e a segurança. E tinha como ideologia o social-liberalismo.

Em 1996, mesmo sem registro, o partido teve sua primeira participação em uma eleição: nas municipais daquele ano o PSL apoiou a candidatura de José Serra em São Paulo, e João Braga em Recife, ambos do PSDB. Também lançou a candidatura de Paulo Memória no Rio de Janeiro, mas não foi eleito. Aliás, o partido não elegeu nenhum prefeito, mas elegeu 320 vereadores.

Nas eleições de 1998, enfim conseguiu eleger seu primeiro deputado federal, Luciano Bivar, então presidente do partido. Elegeu também 10 deputados estaduais, sendo 5 na região Nordeste e 5 na região Norte. Por não ter conseguido nenhuma cadeira no Senado Federal, o PSL optou por não apoiar nenhum candidato à presidência, que teve como vencedor Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. Em 2000, nas eleições municipais, conseguiu eleger seus primeiros prefeitos, mais especificamente 26 prefeitos pelo Brasil. Consegue também eleger 487 vereadores.

No ano de 2002 o partido triunfou e conseguiu eleger seu primeiro governador, Flamarion Portela, no estado de Roraima. Elegeu também 1 deputado federal e 8 suplentes, bem como 6 deputados estaduais. Em 2004, nas eleições municipais, o PSL elegeu 24 prefeitos e 370 vereadores, números um pouco menores que em sua eleição municipal anterior.

Em 2006 o partido anunciou durante a convenção nacional que lançaria seu primeiro candidato a presidência da república, Luciano Bivar, ainda presidente do PSL, anunciado candidato, tendo como vice o economista Américo de Souza. A principal bandeira da campanha foi a proposta elaborada pelo economista Marcos Cintra, que se resumia na criação de um único imposto federal, que faria com que todos os outros tributos fossem eliminados. Também foram defendidas as privatizações de presídios, a legalização da pena de morte e medidas na área

econômica. Como se sabe, Luciano Bivar acabou não sendo eleito, e o PSL também não elegeu nenhum deputado federal nem senador. Foram eleitos 8 deputados estaduais e distritais.

Nas eleições de 2008, o PSL acabou elegendo menos prefeitos, sendo 15 no total, mas aumentou bastante sua representatividade nas câmaras municipais, elegendo 519 vereadores. Em 2010, o partido lançou a candidatura de Américo de Souza para a presidência da república, mas desistiu após o TSE definir a regra de verificação. Elegeu 1 deputado federal, 1 deputado distrital e 14 deputados estaduais. Em 2012, o partido consegue retomar o patamar da disputa de 2004 e amplia a bancada de vereadores. Foram eleitos 23 prefeitos e 761 vereadores pelo PSL em todo o Brasil.

Em 2014 o partido retorna à campanha presidencial, desta vez compondo a coligação “Unidos pelo Brasil”, formada pelo PSB, PHS, PRP, PPS, PPL e o PSL. Os candidatos eram Eduardo Campos, do PSB, e a vice Marina Silva, também do PSB. Mas no dia 13 de agosto de 2014, o candidato Eduardo Campos sofre um acidente aéreo fatal em um voo que saía do Rio de Janeiro em direção ao Guarujá. A partir daí, Marina toma a frente da campanha como candidata a presidência. Ao não conseguir avançar para o segundo turno, o PSL se alinhou ao candidato Aécio Neves, do PSDB, derrotado na ocasião pela candidata Dilma Rousseff. O partido elegeu um deputado federal e 16 deputados estaduais naquele ano.

Em 2015, após uma reestruturação interna, o PSL firmou uma parceria com o movimento Livres, uma organização político-social que defendia o liberalismo. Com isso o partido recebeu a filiação do ativista Fábio Ostermann e do jornalista Leandro Narloch. Nas eleições municipais de 2016, o PSL tem seu melhor desempenho até então, com 30 prefeitos e 878 vereadores eleitos.

Por fim, no dia 5 de janeiro de 2018, o PSL recebe a filiação do então pré-candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro. Neste mesmo dia, o movimento Livres anuncia sua saída do partido e pede que seus membros retirem as filiações. Nestas eleições, no entanto, o PSL obteve seu melhor resultado até então, elegendo 3 governadores, 4 senadores, 53 deputados federais e 76 deputados estaduais, além, é claro, do presidente da república, Jair Bolsonaro.

2.2 O VÍNCULO DO PARTIDO PSL COM O MOVIMENTO LIVRES

No ano de 2015, o PSL passou por uma reestruturação interna, quando, entre outras iniciativas, estabeleceu uma parceria com o movimento Livres, movimento liberal. O movimento era formado por lideranças de diversas organizações em defesa da liberdade, que se juntaram a Sergio Bivar, filho de Luciano Bivar, presidente nacional do PSL, com a missão de renovar o partido organicamente, de baixo para cima.

Para realizar a missão, o Livres elaborou uma carta compromisso com 17 princípios, colaborando decisivamente com o desenvolvimento de seu programa, código de ética e compliance, modelo de governança, estatuto e plataforma de participação política, com o objetivo de dar forças às mudanças internas. O movimento conquistou seu espaço, ocupando a presidência de 12 diretórios estaduais, o Conselho de Ética e a Fundação INDIGO de Políticas Públicas. Grandes nomes aderiram, como por exemplo o da economista Elena Landau.

O Livres também trabalhou a articulação política, formou uma bancada formada pelos deputados mais alinhados aos seus princípios e aderidos aos seus projetos. Diga-se, inclusive, ter sido a única bancada a ter votado 100% a favor de impeachment da presidente Dilma Rousseff, tanto como do afastamento do deputado e então presidente da Câmara Eduardo Cunha e da continuidade das investigações contra o então presidente Michel Temer.

No entanto, a desenvoltura do movimento Livres dentro do partido foi interrompida no dia 5 de janeiro de 2018. Foi justamente quando o PSL anunciou a filiação de um até então inexpressivo deputado federal que se apresentava como pré-candidato à presidência da república. O nome deste deputado era Jair Bolsonaro. Pois, na mesma data, o Livres anunciou o seu desligamento do partido, orientando que todos seus membros providenciassem a desfiliação do PSL.

2.3 A ELEIÇÃO DE 2014: UMA TRAGÉDIA À ESPREITA

O cenário político antes das eleições presidenciais de 2014 era muito delicado, no ano de 2013 teve no Brasil um período de muitas manifestações que iniciaram a partir do aumento do preço das passagens do transporte público e que

acarretaram para ser uma válvula de escape para outros temas que já vinham incomodando a população brasileira. Algo que tornou essas manifestações tão fortes foi o fato de não posicionarem nem à esquerda e nem à direita no espectro político, fazendo assim que tivessem sempre um número muito grande de manifestantes nas ruas.

Com isso, a chegada do período eleitoral foi com um cenário consideravelmente diferente das 5 eleições anteriores, que haviam ficado em um cenário de candidato do PT contra o candidato do PSDB, sempre sabendo que o vencedor seria de um destes dois partidos e que os demais participariam como coadjuvantes. Em 2014 seria o primeiro momento em que isto poderia ser diferente. Com os boatos de que saíam as candidaturas do ex-governador de São Paulo José Serra e da ex-ministra Marina Silva.

As candidaturas da presidente Dilma Rousseff do PT, do senador Aécio Neves do PSDB e do governador de Pernambuco Eduardo Campos do PSB foram encaminhadas, faltando ainda a definição das candidaturas de José Serra e Marina Silva. Tendo um desempenho de 20 milhões de votos na corrida presidencial de 2010, Marina Silva lutava em 2014 para montar o próprio partido, a Rede Sustentabilidade, mas ainda enfrentava dificuldades.

Por fim, Marina Silva acabou filiando-se ao PSB e formou uma chapa como vice de Eduardo Campos, e José Serra se manteve no PSDB, partido que ajudou a fundar e declarou apoio ao Aécio Neves. Assim a disputa eleitoral de 2014 pelo cargo de presidente da república se iniciou com 11 candidatos, sendo eles, Dilma Rousseff do PT, Aécio Neves do PSDB, Eduardo Jorge do PV, Luciana Genro do PSOL, Pastor Everaldo do PSC, Levy Fidélis do PRTB, José Maria de Almeida do PSTU, José Maria Eymael do PSDC, Mauro Iasi do PCB, Rui Costa Pimenta do PCO e Eduardo Campos do PSB, em uma chapa junto com o PSL.

Com o início das campanhas, começou a ocorrer os primeiros acontecimentos midiáticos, incluindo uma grande tragédia com o candidato Eduardo Campos. Durante sua campanha, no dia 13 de agosto de 2014, Eduardo embarcou em um avião saindo do Rio de Janeiro rumo a cidade de Guarujá, após arremeter devido ao mau tempo, o avião caiu em um quintal na cidade de Santos, todos os ocupantes da aeronave morreram, incluindo Eduardo Campos.

Após a morte de Eduardo Campos, o cenário e a disputa da eleição mudaram completamente, o PSB teve 10 dias para apresentar um novo candidato para o lugar de Eduardo Campos, e optou por colocar Marina Silva, que até então estava com vice, e Luiz Roberto de Albuquerque como seu vice. O PSL criticou a decisão, o então presidente, Luciano Bivar, disse que Marina Silva apresentava falta de diálogo e tinha medo de Marina não cumprir as promessas que Eduardo Campos fez aos partidos da chapa, afirmou que sabia o que Aécio e Dilma pensavam, mas não sabia o que Marina pensava, mas o partido permaneceu na chapa.

Com a continuidade da campanha, o resultado obtido no primeiro turno pela chapa de Marina Silva foi o terceiro lugar com 22.176.619 votos representando 21,32% dos votos válidos, sendo Dilma Rousseff em primeiro com 43.267.668 de votos representando 41,59% dos votos, seguida de Aécio Neves com 34.897.211 de votos representando 33,55% dos votos, Luciana Genro com 1.612.186 de votos representando 1,55% dos votos, Pastor Everaldo com 780.513 de votos representando 0,75% dos votos, Eduardo Jorge com 630.099 de votos representando 0,61% dos votos, Levy Fidélis 446.878 de votos representando 0,43% dos votos, José Maria de Almeida com 91.209 de votos representando 0,09% dos votos, José Maria Eymael com 61.250 de votos representando 0,06% dos votos, Mauro Iasi com 47.845 de votos representando 0,05% dos votos e Rui Costa com 12.324 de votos representando 0,01% dos votos, o que deixou Marina Silva fora do segundo turno. E assim Marina Silva declarou apoio ao candidato Aécio Neves que foi para o segundo turno contra Dilma Rousseff.

O resultado final das eleições de 2014 no segundo turno apresentou uma vitória de Dilma Rousseff. Resultado apertado, o que levou também a Aécio Neves pedir uma auditoria das urnas para averiguar qualquer erro ou fraude. Após toda auditoria, não foi encontrada nenhuma fraude ou erro. O resultado final foi de 54.501.118 de votos para Dilma, correspondendo à 51,64% dos votos, enquanto Aécio teve 51.041.155 de votos, sendo 48,36% dos votos da eleição.

2.4 A ELEIÇÃO DE 2018: OUTRA TRAGÉDIA; MESMOS EFEITOS?

O ano de 2018 não foi muito diferente, o país passava por um período de crise econômica, tinha acabado de passar por um processo de impeachment da

presidente da república, o então presidente Michel Temer do PMDB tinha índices de popularidade muito baixos e ocorriam manifestações com bastante frequência nas ruas do Brasil, motivadas também pelos escândalos de corrupção que eram expostos frequentemente, principalmente em razão da operação Lava Jato, políticos do pró-governo e políticos de oposição eram frequentemente alvos de investigações e denúncias, o que criou na mente da população brasileira uma vontade de renovação política, uma escolha que não estivesse alinhada aos políticos tradicionais e seus partidos.

Com o começo do período eleitoral, o cenário era diferente do que em 2014, desta vez parte da população já demonstrava querer um candidato que não fosse do PT e também não fosse do PSDB. Havia muitos que estavam insatisfeitos com que governo da Dilma Rousseff e também com o que foi o governo Michel Temer, que começou se portando como algo opositor ao governo do PT. Já haviam muitos boatos de prováveis candidatos, e muitos já se portavam como pré-candidatos a bastante tempo. Muitos deles já se apresentando como essa opção que não fosse do PSDB nem do PT.

Para as eleições de 2018 foram lançadas as candidaturas de 13 candidatos diferentes, sendo que uma já havia sido indeferida, a do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que não se enquadrava na lei ficha limpa. As candidaturas foram do senador Álvaro Dias do PODE, o deputado federal Cabo Daciolo do PATRI, o ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes do PDT, o ex-prefeito e ex-ministro Fernando Haddad do PT, o ex-governador Geraldo Alckmin do PSDB, o Guilherme Boulos do PSOL, o ex-ministro Henrique Meirelles do MDB, o João Amoêdo do NOVO, o ex-deputado estadual João Goulart Filho, o ex-deputado federal José Maria Eymael do DC, a ex-senadora Marina Silva do REDE, a Vera Lúcia do PSTU e o PSL teve um candidato próprio, o deputado federal Jair Bolsonaro tendo como vice o Hamilton Mourão do PRTB.

As campanhas se iniciaram a todo vapor para todos os candidatos, e assim ocorreram diversos fatos, mas o mais marcante dele foi o atentado ao candidato do PSL, Jair Bolsonaro. No dia 6 de setembro de 2018, Jair Bolsonaro estava fazendo campanha na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, em meio a uma multidão de

peças ele foi esfaqueado, levando uma facada na região do abdômen, o autor do atentado foi Adélio Bispo de Oliveira.

Após o atentado, o candidato do PSL não pode continuar a campanha da maneira tradicional, acabou tendo que se reservar mais ao ambiente digital, e também acabou cancelando sua participação em todos os debates, mesmo a equipe médica do Hospital Albert Einstein, que fazia o tratamento do candidato, afirmando que o paciente não estava clinicamente impedido de participar dos debates ou continuar sua agenda de campanha.

Mesmo com todos os novos desafios e o novo jeito de fazer sua campanha, Jair Bolsonaro conseguiu sua vaga no segundo turno das eleições, tendo como adversário Fernando Haddad do PT. Jair Bolsonaro conseguiu no primeiro turno contabilizar 49.277.010 de votos, representando 46,03% dos votos, enquanto Fernando Haddad teve 31.342.051 de votos, sendo 29,28% dos votos.

No segundo turno Bolsonaro manteve-se fora dos debates, o que neste caso causou o não acontecimento dos debates, e também manteve sua campanha focada no ambiente digital e com um discurso antipetista. Enquanto Fernando Haddad manteve sua agenda de campanha normalmente. Ambos se mantiveram assim até o dia do segundo turno, quando Jair Bolsonaro foi eleito presidente da república do Brasil. Jair Bolsonaro contabilizou 57.797.847 de votos, representando 55,13% dos votos, enquanto Fernando Haddad obteve 47.040.906 de votos, sendo 44,87% dos votos.

2.5. PSL: UM PARTIDO ACIDENTAL?

Uma triste coincidência acabou por associar o Partido Social Liberal a dois acontecimentos terríveis nas eleições de 2014 e 2018. Cada um em um dos anos eleitorais, certo é que os dois candidatos associados ao PSL sofreram revezes com potencial imenso de serem determinantes nos resultados dos dois pleitos. Se em 2014, o episódio do candidato Eduardo Campos fez com que o cenário mudasse vertiginosamente a favor de sua candidata a vice, em 2018 um atentado a céu aberto, à luz do dia, com uma multidão à volta de um indivíduo que desferiu uma

facada no candidato Jair Bolsonaro, que na ocasião era carregado em triunfo de campanha por seus admiradores.

Acima dos dois incidentes, o que se quer investigar são os efeitos que acontecimentos como estes causaram e podem causar em um universo de eleitores tão representativo como o do Brasil? A comoção provocada pode fazer surgir uma avalanche de votos em um candidato, qualquer que ele seja? Por que o efeito do acontecido em 2014 gerou um inesperado volume de votos na candidata Marina Silva, certamente muito mais do que poderia ser imaginado pelos seus mais fiéis seguidores, ainda que não suficiente para que a levasse ao segundo turno?

Especialistas em marketing político e psicologia social afirmam que o impacto de um acontecimento público está na capacidade de mobilizar paixões individuais e coletivas, que são despertadas pelos movimentos reivindicatórios, tragédias coletivas, comemorações ou eventos fatídicos. Estes eventos funcionam como um gatilho para a construção do espetáculo político-midiático. Em circunstâncias da morte de personalidades famosas e líderes políticos, o carisma da vítima e as condições do falecimento funcionam como dispositivos “para que seu legado individual e político gere outros espetáculos” (Weber, 2011: 193).

Na contemporaneidade, onde “o espetáculo é o capital a tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997: 34), as tragédias veiculadas pela mídia garantem altas audiências, principalmente quando se trata da morte de alguma celebridade ou figura pública. A morte do candidato à presidência da República Eduardo Campos deu início a produção de um dos mais importantes e trágicos espetáculos veiculados pela mídia até então. Antes da morte era tido como desconhecido por 42% dos eleitores, o candidato Eduardo Campos foi apresentado pela mídia como um representante da nova política, que teve sua missão interrompida pela tragédia. Da Grécia Antiga aos tempos contemporâneos a tragédia sempre foi associada à construção de heróis. Segundo Weber (2011) para cada acontecimento existe ritos, cerimônias e protocolos de fácil codificação, marcados por mitos e simbolismos ancestrais carregados de significados e reconhecimento. Ainda esclarece que a política e a religião carregam os rituais mais arcaicos e significativos da vida humana. A retransmissão como cerimônia midiática garante que o espetáculo obtenha caráter imponente e expressivo. O espetáculo realizado

pelos meios de comunicação ajudou a elevar a figura do político Eduardo Campos como líder, ao revisar toda a trajetória de sua vida, dando foco aos acertos e as qualidades da vida do candidato. Todas as passagens por cada cargo público foram muito exploradas pelos meios de comunicação.

O mau desempenho das instituições públicas do país e a crise de representação política fizeram o ambiente da prática política cada vez mais dependente da agenda midiática. A comunicação, a informação e a propagação, segundo esclarece Ianni (2001), podem transformar da noite para o dia, um simples desconhecido em uma figura pública relevante, por meio das técnicas de colagem, bricolagem, montagem, mixagem, desconstrução e simulacro, o personagem criado pela mídia pode surgir de repente como “a única solução para o indivíduo, povo, sociedade, país, Estado- -nação, região ou até mesmo o mundo como um todo” (Ianni, 2001: 11).

O que ocorreu em ambas as eleições que estão sendo tratado neste trabalho, foram dois acidentes com candidatos da presidente da república, sendo ambos candidatos da chapa do partido PSL. O acidente aéreo de Eduardo Campos em 2014 foi uma tragédia que ocorreu já em período eleitoral e que fez com que o cenário mudasse de uma maneira muito forte, mas mesmo com essa mudança, colocou a nova candidata da disputa já com uma força muito grande nas pesquisas eleitorais, chegando em pontos que estava em empate com a candidata Dilma Rousseff. O processo de transferência de votos de Eduardo Campos para Marina Silva se deu também por meio do espetáculo político-midiático, após os partidos da coligação optarem por colocar Marina Silva para concorrer no lugar de Eduardo Campos. Com o tempo do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral de dois minutos, no primeiro dia de veiculação, mostraram a imagem de Eduardo Campos em *close*, com a música Anunciação de Alceu Valença ao fundo. Tendo um discurso gravado do ex-governador acompanhando as imagens. Essa utilização pós-acidente da imagem de Eduardo Campos servia para criar uma mitificação dele, tornando o candidato um representante de ideais de um novo Brasil. E também foi mostrado Eduardo Campos durante um discurso ao lado de Marina Silva, onde ele discursava sobre a necessidade de construir um novo país, onde seria mais adequado para criar os filhos e consolidar uma sociedade mais justa.

Foi feito ao redor da tragédia uma espetacularização pelo Jornal Nacional da Rede Globo que colocou Eduardo Campos como um herói, espetacularização que foi absorvida pelo PSB, que no primeiro dia do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. O tema “Nós não vamos desistir do Brasil”, usado pela família de Eduardo Campos no caminho do enterro, foi revivido na propaganda eleitoral do partido.

No dia 21 de agosto de 2014, Marina se oficializa candidata no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral e discursa sobre a despedida de Eduardo Campos, enquanto surgem imagens do enterro, com muitas pessoas acompanhando o traslado do corpo e também imagens do Eduardo Campos em comícios políticos. Na propaganda eleitoral de Marina, é visível que se apropriaram da agenda espetacular veiculada pelo Jornal Nacional no discurso que apresenta a figura de Eduardo Campos como um homem íntegro, carinhoso e que vivia para melhorar a vida das pessoas. No discurso de Marina Silva, as características de liderança, apresentadas nos meios de comunicação se associam a imagem de Campos, e na sequência Marina convoca a população para votar nela.

No Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral do dia 26 de agosto de 2014, Marina se apresenta como a representante direta dos ideais políticos de Eduardo Campos. Com um tom emotivo, Marina fala sozinha no estúdio em agradecimento ao apoio que está recebendo, e em sequência o Beto Albuquerque, então vice na chapa, aponta que os compromissos firmados por Marina e Eduardo, são os compromissos de sua geração.

No dia 28 de agosto de 2014, apostaram no espetáculo político-midiático feito pelos meios de comunicação sobre a morte de Eduardo para o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Com imagens da Marina nas ruas, em comunidades carentes, com discurso poético e fatalista. E na sequência a voz de Marina aparece dizendo que a mudança política e a reforma política começavam nesta hora, quem ganharia aquela eleição não seria os velhos políticos e as grandes estruturas, e sim uma nova postura, principalmente uma nova postura do cidadão brasileiro.

Por toda a campanha, principalmente no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, Marina utiliza-se da imagem heroica de Eduardo Campos, construída pelos meios de comunicação, e associa a si e toda sua campanha, criando um laço com a agenda de Eduardo Campos.

E o atentado sofrido pelo candidato Jair Bolsonaro em 2018 também foi algo muito expressivo para todo o país quando ocorreu. Foi amplamente coberto pela mídia e também alterou bastante o cenário da eleição, passando a ter no segundo turno, um candidato a menos nos debates televisivos e no segundo turno simplesmente não havendo debate nenhum. Para o Brasil, foi uma nova maneira de se fazer uma eleição e de passar suas ideias e propostas para a população. E que por final, o candidato que sofreu o atentado e teve por um bom momento uma maior exibição na mídia, foi o candidato que ganhou a eleições de 2018.

O até então deputado Jair Bolsonaro ficou na liderança da corrida presidencial assim que começou o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, uma semana após sofrer um atentado a facada em Juiz de Fora em Minas Gerais. Segundo o Datafolha, Bolsonaro apresentava neste momento 24% das intenções de votos, ainda enquanto estava internado em São Paulo. Na pesquisa anterior, Bolsonaro apresentava 22% das intenções de votos.

Até então, para o segundo lugar havia quatro candidatos empatado dentro da margem de erro, sendo o ex-ministro Ciro Gomes do PDT com 13% das intenções de votos, a ex-senadora Marina Silva do REDE com 11% das intenções de votos, o ex-governador Geraldo Alckmin do PSDB com 10% das intenções de votos e o ex-prefeito Fernando Haddad do PT com 9% das intenções de votos. Sendo a margem de erro de 2%.

Fernando Haddad era em um primeiro momento, vice da chapa do PT, que apresentava como candidato o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como apenas Lula. Mas o Tribunal Superior Eleitoral vetou a candidatura de Lula e deu 11 dias ao PT para fazer a troca do candidato.

Logo após o ataque sofrido pelo Jair Bolsonaro, começou em toda mídia um espetáculo político-midiático, e o candidato soube aproveitar bem todo esse espaço gratuito para sua campanha. No dia seguinte ao atentado, a capa do jornal O Estado de S.Paulo foi toda dedicada ao atentado, o jornal Folha de S.Paulo dedicou todas as páginas do editorial de política ao atentado.

Nos dias seguintes acontece um foco total ao atentado, desde o estado de saúde de Bolsonaro até os posicionamentos de outros candidatos sobre o acontecido. Bolsonaro que já aparecia com boa frequência em editoriais em função

de seus posicionamentos e declarações polêmicas, neste momento passou a ser o foco dos meios de comunicação. No dia 8 de Setembro de 2014 o jornal O Estado de S.Paulo dedicou mais 3 páginas de seu editorial de políticas ao Bolsonaro. No dia 10 de setembro de 2014 a cobertura foi sobre o debate da TV Gazeta, o qual Jair Bolsonaro não compareceu. Mas a manchete foi “Candidatos evitam ataques e defendem a pacificação” e tem na capa a imagem de Jair Bolsonaro, e no editorial de política, uma cobertura sobre uma manifestação popular pró-Bolsonaro. No dia 11 de setembro de 2014, a capa é sobre os outros candidatos voltarem a ter um tom crítico ao candidato Jair Bolsonaro. No dia 12 de setembro de 2014, o jornal traz a pesquisa do Ibope que coloca Bolsonaro em primeiro lugar com 26% dos votos e seu nome na capa do jornal. No dia 13 de setembro de 2014, a cirurgia de emergência de Bolsonaro é a capa junto com uma imagem. Todas as manchetes e imagens em torno do nome de Jair Bolsonaro.

O jornal Folha de S.Paulo agiu da mesma forma. Todas as páginas do editorial de Política foram para Bolsonaro. E o nome e a imagem do candidato ficam com forte exposição, mesmo na semana seguinte. Enquanto o candidato está no hospital, a Folha de S.Paulo dedica editoriais, análises com especialistas e matérias sobre o ódio na campanha e sobre Bolsonaro. Em 11 de Setembro de 2014, o DataFolha divulga uma pesquisa em que Bolsonaro apresenta 24% das intenções de voto. Seu nome volta a ganhar força no pleito. A cobertura segue com Bolsonaro sendo o principal foco. No dia 12 seu estado de saúde piora e a capa do dia seguinte é sobre uma piora no quadro de saúde e uma cirurgia de emergência.

De acordo com um levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas, o atentado sofrido por Bolsonaro em 6 de setembro de 2014 ampliou em 29% a presença de apoiadores do candidato nas discussões sobre presidenciáveis na rede social *Twitter*. Também fez diminuir a relevância dos perfis alinhados à esquerda em 21%, e os perfis anti-Bolsonaro que perderam 4% de relevância no debate. Mas mesmo assim os perfis contra o candidato Jair Bolsonaro continuaram dominando, 62% das interações.

No dia 15 de setembro de 2014, a pesquisa Datafolha mostra Bolsonaro com 26% das intenções de votos. No dia 17 de Setembro de 2014, a Folha de S.Paulo apresenta uma imagem de Bolsonaro no hospital, com uma manchete sobre uma

transmissão ao vivo que ele havia feito. Junto uma imagem de Bolsonaro fragilizado e uma matéria sobre Geraldo Alckmin falando sobre suspeitas de sua família.

Mesmo sem tempo de televisão, o atentado à faca priorizou a pauta da mídia em todo país. Mesmo quando Bolsonaro não falava, se falava sobre ele. O atentado e suas repercussões foram acompanhados amplamente. Bolsonaro entrou na disputa eleitoral como o candidato antipetista, e que pela primeira vez fazia a direita ter um candidato que compete com o ex-presidente Lula em simbologia. É possível ver um tom novelesco da trajetória midiática, o atentado promove o medo nas pessoas. A recuperação da saúde de Bolsonaro trouxe o tom de esperança. As paixões são tema constante da trajetória do candidato no período eleitoral. O candidato é acompanhado como personagem de novela. Nos momentos em que a imprensa o ataca, seus defensores e simpatizantes de seu discurso veem os ataques como violentos demais, dando legitimidade ao discurso inflamado de Bolsonaro. Bolsonaro vira vítima novamente. Agora, do ataque forte da imprensa.

No dia 28 de setembro de 2014, Bolsonaro tem um espaço de 45 minutos no programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes. No dia 29 de setembro de 2014, tem 11 minutos no Jornal Nacional, da Rede Globo. Uma exposição que é maior que a propaganda eleitoral gratuita poderia garantir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou as candidaturas das chapas em que o partido PSL fazia parte nas eleições de 2014 e 2018. Mostra quais foram os candidatos pela chapa e também aqueles que concorreram contra, além de apresentar o cenário o qual o Brasil estava no momento da corrida eleitoral. Com a junção de todos os dados e informações coletadas e apresentadas neste trabalho, foi possível concluir que há semelhanças nas campanhas, de uma maneira natural e infelizmente trágica.

Ambas as corridas eleitorais foram marcadas com tragédias, no caso da eleição de 2014, um acidente aéreo com o avião que levava o candidato Eduardo Campos, e em 2018, um atentado a facada ao candidato Jair Bolsonaro. Mesmo uma tragédia tendo um final fatal para a vida de Eduardo, enquanto Jair conseguiu se recuperar e manter-se vivo, há semelhanças nas consequências dessas tragédias. Ambas mudaram o modo como a mídia retratava os candidatos, Eduardo teve sua memória eternizada com um tom heroico, que foi aproveitado durante toda a campanha de Marina Silva, que herdou seu espaço na chapa. E Jair começou a ser o assunto mais citado pela mídia, mesmo quando não dizia nada, havia matérias dando destaque ao candidato.

Analisando posteriormente tanto o acidente de Eduardo Campos, quanto o ataque a Jair Bolsonaro é possível concluir que vários fatores levam a decisão do eleitor ao voto, e alguns desses fatores, não necessariamente estão ligados ao âmbito político. O voto é uma decisão teoricamente racional, mas na prática, muitas vezes é influenciado por emoções - e não só ideológicas. A tragédia choca, perturba, e por fim causa compaixão e piedade. Emoções essas que as equipes políticas souberam trabalhar bem em prol de buscar aceitação e apoio popular.

Antes ambos eram apenas candidatos, mas após seus infortúnios acontecimentos, rapidamente se transformaram em mitos diante aos olhos e ouvidos atentos do povo, em uma combinação modelo de pessoas tomadas por comoção, absorvendo as mais variadas informações. A mídia, propositalmente ou não, colaborou para a criação da narrativa desses novos mitos. Seja dando um tom heroico ao Eduardo Campos ou colocando Jair Bolsonaro nos holofotes o tempo inteiro. E é possível ver como as chapas tiraram proveito disto.

Esse trabalho não tem como finalidade uma conclusão incontestável, mas podemos ter como entendimento que sim, existe uma tendência afirmativa para a tragédia ser revertida em muitos votos favoráveis. A tragédia, como o próprio nome diz, é um grande infortúnio que sempre desejamos ser poupados, mas em uma corrida presidencial, quando acometida, se transforma em uma grande vantagem a ser explorada. As estratégias de marketing do comitê político e a atenção sensacionalista da mídia são beneficiadas pela tragédia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Edjane Gomes de. **A cobertura da mídia brasileira na morte do presidencial Eduardo Campos: a (re) construção do mito e seu processo de rememoração.** Congresso Internacional de Semiótica e Cultura. João Pessoa. Mídia Gráfica e Editora, 2014.

CIOCCARI, Deysi. **O atentado contra Jair Bolsonaro: imagem e a violência nas eleições de 2018.** Ano XXI - N° 42. Líbero: revista eletrônica do Programa de mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, 2018.

CORBELLINI, Juliano; MOURA, Maurício. **A eleição disruptiva: Por que Bolsonaro venceu.** 2ª edição. São Paulo: Editora Record, 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

FERNANDES, Carla Montuori; CHAGAS, Genira. **A morte de Eduardo Campos e a narrativa do espetáculo político midiático: do jornalismo à propaganda eleitoral.** Volume 15 N°30. Rio de Janeiro: ALCEU: Revista de comunicação, cultura e política. PUC, 2015.

IANNI, Octavio. **Resenha de O mandonismo local na vida política brasileira.** Anhembi, n.88, 1958

MORAES, Thiago de; MORAES, Suelen de; **Marina Silva como “terceira via” nas Eleições de 2014: o “efeito” Eduardo Campos.** Ano 7 N°13. Belo Horizonte: RBDE, 2015.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais V. 2.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001

WEB REFERÊNCIAS

Bolsonaro presidente: A surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto. **BBC News Brasil.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>. Acesso em 17 de novembro de 2020.

Bolsonaro presidente: Como o PSL de Jair Bolsonaro deixou de ser nanico e já almeja virar maior bancada da Câmara. **BBC News Brasil.** Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45973986>. Acesso em 22 de novembro de 2020.

Por que Bolsonaro as ganhou? **O Imparcial**. Disponível: **O Imparcial**. <https://oimparcial.com.br/politica/2019/10/por-que-bolsonaro-ganhou-as-eleicoes/>. Acesso em 17 de novembro de 2020.

6 motivos por que Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil. **Huffpost Brasil**. Disponível: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/29/6-motivos-por-que-jair-bolsonaro-foi-eleito-presidente-do-brasil_a_23574470/. Acesso em 17 de novembro de 2020.

Partido de Bolsonaro, PSL pula de nanico a 2ª bancada da Câmara. **Folha de São Paulo**. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/psl-partido-de-bolsonaro-pula-de-nanico-a-2a-bancada-da-camara.shtml>. Acesso em 22 de novembro de 2020.